

Aureliano garante que não dizia "amém" para Sarney

ROGERIO PEREZ
Correspondente

Belo Horizonte — “Quem não cumprir palavra e não assumir compromisso pode ganhar as eleições, mas certamente não vai governar”. Com este alerta o candidato do PFL, Aureliano Chaves fez seu primeiro pronunciamento político e econômico em Belo Horizonte, depois da convenção pefelista do fim de semana passado, quando foi confirmado presidenciável, tendo o paulista Cláudio Lembo como companheiro de chapa na sucessão do presidente José Sarney.

Aureliano Chaves, depois de uma recepção “estrondosa” segundo sua própria avaliação na noite anterior, quando retornou de Brasília e ganhou no Aeroporto da Pampulha um tratamento de candidato dos pefelistas e aurelianistas mineiros, com banda de música, tifes do PFL, políticos regionais e nacionais e até um comício de mais de mil pessoas, já estava de pé cedo ontem, para participar do programa Bom dia Minas, da Rede Globo Minas, e antes das dez horas no Banco de Desenvolvimento do Estado de Minas Gerais, para um encontro com empresários e economistas mineiros.

Aureliano Chaves não teve uma grande plateia, embora o auditório estivesse cheio para o ciclo de debates do BDMG, intitulado “a sucessão presidencial e os desafios do desenvolvimento”, que foi aberto anteriormente por Leonel Brizola e já teve a participação de Paulo Maluf, Afif Domingos e de Mário Covas, entre outros convidados importantes.

Descontraído e usando uma velha estratégia de discursar em vez de responder, Aureliano Chaves, antes de falar no ciclo de debates, deu entrevista coletiva, já como candidato do PFL, e falou demoradamente so-

bre economia, principalmente as questões de siderurgia e energia que domina bem. No quase discurso, Aureliano Chaves falou desde a questão da dívida externa, que segundo ele deverá ser tratada pelo futuro presidente, de frente, com o País devendo pagar o que deve, mas tendo o direito de discutir como e em que condições, até a reserva de mercado que, segundo ele, não deve ser um entrave e nem penalizar o consumidor com produtos ruins e fora de tempo.

Sobre a crise nacional, Aureliano Chaves disse que o Brasil tem de deixar de lado a síndrome do passado e se preparar para o futuro. Explicou que a inflação é mais uma questão de desgoverno e de incompetência e que se precisa mudar, mas nunca como vem sendo feito até agora, quando se penaliza quem produz e os assalariados e se privilegia os que manipulam e especulam.

“Todas as medidas tomadas nos últimos tempos são para prejudicar os produtores rurais, empresários e assalariados e acaba se beneficiando quem especula e quem manipula, que ainda é mais grave”, disse Aureliano Chaves para uma plateia que, além dos jornalistas, era formada por economistas e empresários.

Aureliano Chaves disse que todas as resistências internas importantes que sua candidatura tinha dentro do PFL foram superadas e que as que ainda persistem não vão impedir que sua campanha cresça:

“O fundamental foi vencido, o resto é acabamento”, disse Aureliano Chaves usando uma imagem de engenheiro construtor, para falar dos problemas pefelistas. Disse que “política é uma guerra e quem revela estratégias ou é ignorante ou ingênuo”. Deixou claro que o grupo de Marco Maciel, que antes “estava do outro lado”, agora o apoia junto com

a bancada pefelista de Pernambuco e atacou dizendo que só se fala em resistência dentro do PFL, mas que elas são até piores no PMDB, PSDB e até no PT, que vive, a dificuldade de ter um vice de consenso.

Sobre os problemas que terá por ter sido governo até recentemente como ex-ministro de Minas e Energia, Aureliano Chaves disse que foi governo e ficou no governo por compromisso e por ter de cumprir tudo que lhe foi pedido por Tancredo Neves:

“Quem nega ou é ignorante ou está de má-fé. Participei do governo como convocado por Tancredo Neves, mas nunca disse amém, tanto que fiquei no governo e fui contra o Plano Cruzado, o depósito compulsório, as medidas de restrição ao desenvolvimento e ao plano energético. Fiquei porque meu compromisso com Tancredo Neves era de ficar até que a nova Constituição fosse promulgada. E foi o que aconteceu.

Aureliano afirmou que não tem se acusado, porque sua vida pública mostra coerência e respeito ao combinado:

“O grande drama do Brasil não é carência de leis e sim o cumprimento delas. Meu passado mostra que, como deputado federal, fui contra o processo de cassação de Márcio Moreira Alves, depois, como governador de Minas, parti para a anistia e também como ministro sai da palavra para a ação e centenas de funcionários cassados da Petrobrás, Vale do Rio Doce, Eletrobrás e outras empresas foram reconduzidos”.

Sobre pesquisas, Aureliano Chaves disse que não pode avaliar, r, mas que o importante não é vencer pesquisas, mas eleições. Lamento a existência de um esquema que ele não sabe a que ou quem atribuir, que usa a mídia para tentar mudar a realidade.